

Memória e violência no romance *Rosa Cuchillo*, de Óscar Colchado

Rômulo Monte Alto*
Rogério dos Santos**

RESUMO:

A recente história do Peru, marcada pela violência gerada na época da guerra interna, é objeto de textos literários como *Rosa Cuchillo*, de Óscar Colchado. O presente artigo procura discutir aspectos dessa obra tomando como referência conceitos aplicados aos estudos da memória e violência na literatura latino-americana.

Palavras-chave: Memória. História. Violência. Peru. *Rosa Cuchillo*.

A história recente do Peru, marcada pela violência que se implantou naquele país na época do conflito interno, gerado pelo enfrentamento entre os ativistas do movimento armado Sendero Luminoso e as forças de segurança do Estado, tem sido objeto de diversos textos literários e outras manifestações artísticas, como obras de teatro e cinema, entre os quais se destaca o romance *Rosa Cuchillo*, do escritor peruano Óscar Colchado Lucio¹.

Nosso objetivo neste texto é discutir aspectos de *Rosa Cuchillo* tomando como referentes teóricos conceitos aplicados aos campos de memória e história, memória coletiva e memória e violência na literatura latino-americana, com vistas a contribuir para a discussão sobre tais temas nos estudos literários desenvolvidos na atualidade em nosso continente.

Óscar Colchado é considerado pela crítica em seu país como um escritor transculturador, como o foi seu compatriota José Maria Arguedas, com uma obra em que o elemento autóctone dialoga com a tradição ocidental.

Em *Rosa Cuchillo*, como em outras obras de Colchado, um espanhol fortemente “quechuizado”, tanto em nível semântico quanto na própria sintaxe, pontua toda a narrativa. Nas últimas edições do romance, um glossário de termos em quéchua ao final do livro ajuda os leitores não familiarizados com esse idioma a compreender algumas vozes mais raras presentes na obra. Há que dizer que mesmo no Peru, onde o quéchua é língua oficial, ao lado do espanhol, amplas camadas da população, sobretudo entre os que vivem na capital, não compreendem o quéchua, apesar de conviverem com a língua nas ruas. Apesar de gozar do estatuto de língua oficial, o quéchua e o espanhol convivem em situação de diglossia, com o espanhol mantendo o prestígio enquanto o quéchua segue colocado em segundo plano, utilizado principalmente pelas classes subalternas do país.

Um dos aspectos notáveis da literatura colchadiana é o fato de a mesma apontar para a falha, em certo sentido, do projeto modernizador em seu país. Conforme afirma Néstor García Canclini, em sua importante obra *Culturas Híbridas* (1997), uma das mais perspicazes análises acerca das questões ligadas à modernização nos países de nosso continente,

Enquanto na arte, na arquitetura e na filosofia, as correntes pós-modernas são hegemônicas em muitos países, na economia e na política latino-americanas prevalecem os objetivos modernizadores. As últimas campanhas eleitorais e os discursos políticos que acompanham as últimas campanhas eleitorais e os discursos políticos que acompanham os planos de ajuste de reestruturação

julgam prioritário que nossos países incorporem os avanços tecnológicos, modernizem a economia, superem nas estruturas de poder as alianças informais, a corrupção e outros ranços pré-modernos (CANCLINI, 1997, p. 24)².

[...] Não tivemos uma industrialização sólida, nem uma tecnificação generalizada da produção agrária, nem uma organização sociopolítica baseada na racionalidade formal e material que, conforme lemos de Kant a Weber, teria sido transformado em senso comum no Ocidente, o modelo de espaço público onde os cidadãos conviveriam democraticamente e participariam da evolução social (CANCLINI, 1997, p. 24).

No Peru, de fato, como na maioria dos países latino-americanos, a modernidade não chegou a se concluir, embora, paradoxalmente, estejamos em plena pós-modernidade nos campos das artes, por exemplo. Ao lado de elementos modernos da nação peruana – o país tem sido apontado como um dos que têm alcançado melhores índices de crescimento econômico entre seus vizinhos no continente nos últimos anos –, no campo da política e do social as enormes discrepâncias entre o acesso aos bens sociais e econômicos à disposição das distintas camadas sociais se faz sentir, seja no interior como na capital, Lima, metrópole em que às margens do centro desenvolvido subsistem nas *barriadas* ao redor da cidade, aglomerações de certo modo similares às favelas brasileiras, uma população despossuída, em grande parte oriunda das regiões serranas do país, palco principal no qual se movem os personagens das obras de Colchado. Entre esses personagens destacam-se representantes das populações indígenas e dos camponeses da região serrana que, submetidos a séculos de exclusão, reagem por meio de revoltas sociais ou migram para a periferia das grandes cidades, ao mesmo tempo transformando e transtornando-as, à medida que se colocam como seres à margem, não adaptados ao organismo do qual fazem parte.

O intelectual uruguaio Ángel Rama também menciona em seus escritos que, na área andina, a modernização de fato não chegou a concretizar-se por completo, seja pelo isolamento imposto pelas especificidades geográficas próprias dos Andes, seja pelo fato de que após a chegada do colonizador europeu à região, ocorreu de forma violenta a superposição da cultura europeia sobre as culturas autóctones. Tal “encontro” de culturas, no entanto, não foi suficiente para destruir as culturas pré-colombianas, nem mesmo para forçá-las a uma assimilação, devido a seu grau de desenvolvimento e resistência, como assinala Ángel Rama em seu texto sobre a área cultural andina, na obra *Transculturación narrativa en América Latina* (2004). Essa resistência tem se manifestado, desde então, como resistência aos intercâmbios linguísticos e culturais, o que se reflete, por exemplo, no uso de um espanhol de caráter arcaico e do quéchua como língua de comunicação.

Esse atraso e a insatisfação gerada pelo mesmo levaram, tempos depois da Conquista, a rebeliões articuladas e violentos conflitos na região andina peruana, como a Rebelião de Atusparia no séc. XIX, pano de fundo do conto “Cordillera Negra” e, já no século XX, a guerrilha do Partido Comunista del Perú – Sendero Luminoso, abordada em *Rosa Cuchillo*, obras de Óscar Colchado. Sobre o contexto de surgimento do Sendero Luminoso, aliás, Canclini cita a seguinte pergunta, feita no final dos anos oitenta pelo sociólogo e àquela época candidato à presidência do Peru, Henry García: “Como falar de pós-modernidade num país onde surge o Sendero Luminoso, que tem tanto de pré-moderno?” (CANCLINI, 1997, p. 24).

Em *Rosa Cuchillo* a narrativa se desenvolve no seguinte contexto histórico-geográfico: no Peru, em meados da década de 1980, o grupo armado Sendero Luminoso intensificava suas ações, com assassinatos, desaparecimentos forçados, violações aos direitos coletivos das comunidades andinas e

outras ocorrências violentas, visando chegar ao poder pelas armas, a fim de implantar no país um regime comunista de inspiração maoísta.

As forças oficiais de segurança do Estado reagiram de maneira violenta às ações dos senderistas, também praticando graves violações de direitos humanos, de forma que os combates levaram o país a um conflito armado fratricida com milhares de mortos de ambos os lados (estima-se que houve em torno de 70.000 mortes, entre militares, senderistas e civis, entre 1980 e 2000, segundo dados da *Comisión de la verdad y reconciliación*). Uma guerra interna que durante duas décadas impôs o medo à população civil, levou à impossibilidade de transitar livremente pelo interior do país e terminou por deixar marcas traumáticas entre os cidadãos, marcas de eventos que passaram a inscrever-se na memória coletiva dos peruanos que vivenciaram aqueles tempos.

O Sendero Luminoso, também denominado PCP-SL (Partido Comunista del Perú), recrutava seus membros principalmente entre jovens mestiços e indígenas, sobretudo camponeses das pequenas localidades da região serrana do centro do país, e foi dessa região e dessa parcela da população, já historicamente desamparada pelo poder público, desde o período colonial, e deixada à margem das conquistas do progresso e dos ciclos modernizadores experimentados pelo país, que se produziu o maior número de vítimas da violência, tanto pelas mãos dos rebeldes quanto dos militares.

Alguns anos após o abrandamento do conflito – ocorrido com a prisão, no início da década de noventa, de altos quadros da cúpula do movimento rebelde, entre eles o idealizador e principal líder do Sendero Luminoso, Abimael Guzmán, “Presidente Gonzalo”, preso em 1992 e condenado à prisão perpétua – o governo peruano implantou, em 2001, a *Comisión de la verdad y reconciliación*, cujo relatório final, publicado em 2003, apontou que

De cada cuatro víctimas, tres fueron campesinos o campesinas cuya lengua materna era el quechua. Se trata, como saben los peruanos, de un sector de la población históricamente ignorado por el Estado y por la sociedad urbana, aquella que sí disfruta de los beneficios de nuestra comunidad política. La CVR no ha encontrado bases para afirmar, como alguna vez se ha hecho, que este fue un conflicto étnico. Pero sí tiene fundamento para aseverar que estas dos décadas de destrucción y muerte no habrían sido posibles sin el profundo desprecio a la población más desposeída del país, evidenciado por miembros del Partido Comunista del Perú - Sendero Luminoso (PCP-SL) y agentes del Estado por igual, ese desprecio que se encuentra entretejido en cada momento de la vida cotidiana de los peruanos³.

Além de *Rosa Cuchillo*, outros textos literários importantes produzidos no Peru trataram de referir-se ao trauma gerado pelos eventos de violência durante o conflito interno e a rememoração/elaboração de seus efeitos sobre a sociedade peruana.

Mario Vargas Llosa, em *Lituma nos Andes* (1993), também ambienta a narrativa no interior do Peru e entre os personagens desse romance estão militares e senderistas. Ressalte-se, entretanto, que Vargas Llosa tem uma visão político-ideológica diametralmente oposta à dos escritores neoindigenistas, atualmente conhecidos como andinos, como Colchado; enquanto estes defendem a cultura autóctone, marcada pelo elemento “andino” de raízes pré-coloniais e suas manifestações artísticas, linguísticas e culturais de modo geral, aquele entende que esse apego ao “andino” seria prejudicial à modernização do país. Vargas Llosa em certo momento defendeu a opinião de que o Peru deveria abandonar as manifestações culturais andinas, inclusive a língua quéchua, em favor de uma “ocidentalização” do país, privilegiando o elemento cultural de base europeia. Tais posições lhe renderam muitas críticas de autores neoindigenistas, os chamados pós-arguedianos e de críticos literários no Peru, como Tomás Escjadillo, que criticou com veemência Vargas Llosa em seu livro *La narrativa indigenista peruana*

(1994), posicionando-se contra a defesa de Vargas Llosa de “que el indio y lo indio deben desaparecer”, renunciando à sua cultura para adotar a “de sus viejos amos” (apud ESCAJADILLO, 1994, p. 188). Tais críticas, contudo, se voltam sobretudo para as posições ideológicas de Vargas Llosa, uma vez que no campo do estritamente literário sua excelência é reconhecida não só em seu país natal, mas em todo o mundo, como um dos maiores autores da literatura latino-americana, haja vista o recente prêmio Nobel de Literatura a ele outorgado em 2010.

Entre outras obras literárias que se referem à guerra interna, destacam-se, por exemplo, *Abril rojo* (2006) de Santiago Rocagliolo, *La hora azul* (2005), de Alonso Cueto y *Adiós Ayacucho* (2008), de Julio Ortega. Esta última foi adaptada para o teatro e encenada pelo grupo Yuyachkani, que também criou sua versão teatral de *Rosa Cuchillo*, baseada no romance de Óscar Colchado, peça que foi levada a vários países desde sua estreia em 2002.

O grupo teatral peruano Yuyachkani (*yuyachkani*: voz quéchua que significa *estoy pensando, estoy recordando*) é hoje um dos mais importantes da América Latina. No Peru, a peça *Rosa Cuchillo* é encenada geralmente nas praças públicas, nos mercados populares andinos, como uma forma de levar a arte e possíveis questionamentos sobre o passado e a memória a um maior número de pessoas nas cidades peruanas.

A respeito de *Rosa Cuchillo*, a peça teatral, a artista Ana Correa, do Yuyachkani disse durante o congresso “*Actions of Transfer: Women’s Performance in the Americas*”, na UCLA (*University of California, Los Angeles*) em 2008:

Hemos estado en guerra. Jóvenes de la selva mataron y violaron mujeres de la costa, jóvenes de la costa mataron y violaron mujeres de la sierra, tenemos que buscar la justicia, hacer los juicios, pero a la vez un vecino señaló al otro para que el ejército lo matara, el otro vecino al otro para que “Sendero” hiciera lo mismo. Entonces son muchos perdones, son muchas reparaciones, ese es el momento que estamos viviendo. Nosotros estamos viviendo un momento en que necesitamos tanto reparaciones judiciales como simbólicas.

Con este trabajo tan sencillo he descubierto un puente, una posibilidad que el arte, en mi país después de 20 años de guerra pueda colaborar en un espacio de sanación. Yo que partía de sanarme a mí misma por una pérdida, por el sufrimiento de mi pueblo, he encontrado respuestas en los ritos ancestrales. Eso es lo que estamos haciendo las mujeres de Yuyachkani, experimentando y colaborando con el arte en un momento muy importante de sanación de nuestro país (CORREA, 2008)⁴.

A busca dessa “cura” por meio de uma reparação simbólica que pudesse dar conta de sanar o país e seu povo das perdas e sofrimentos vividos na guerra interna, da qual fala Ana Correa, parece ser o que de certa forma a arte, seja através da literatura, do teatro, etc. vem tentando fazer no Peru nos anos pós-conflito.

Nesse sentido, o cinema peruano também produziu uma obra importante cujo tema do conflito armado interno está presente. Trata-se do filme “*La teta asustada*” – de Claudia Llosa, cineasta peruana radicada na França – vencedor do Urso de Ouro de melhor filme do Festival de Berlim, em 2009.

A personagem principal do filme, Fausta, é uma jovem cuja mãe, uma camponesa da região onde se deram os conflitos da guerra interna, havia sido estuprada por um grupo de soldados das forças nacionais (violência frequente na época, como invariavelmente ocorreu em outras regiões marcadas por conflitos étnicos; lembremos Ruanda, Bósnia, Kosovo, etc.) quando estava grávida de Fausta, o que desencadeou na filha o surgimento de uma enfermidade psicológica associada ao evento traumático pelo qual havia passado a família.

Memória e violência

O romance *Rosa Cuchillo*, publicado em 1997, narra a história de três personagens de origem camponesa, habitantes da serra peruana, unidos pela guerra entre as forças do Estado e os rebeldes do Sendero Luminoso. A personagem principal, que dá nome à obra, após a própria morte, vai ao encontro de seu filho Liborio, jovem recrutado pelo Sendero Luminoso e que havia desaparecido durante o conflito. Nessa busca, Rosa Cuchillo transita por mundos pertencentes à mitologia andina: o mundo de baixo, *Uqhu Pacha* e o mundo de cima, *Hanaq Pacha*. A violência é quase onipresente na narrativa; em toda a obra há passagens em que são referidos eventos violentos, às vezes baseados em fatos reais, outras vezes ficcionais, tanto da parte dos senderistas, os “senderos” ou “terrucos”, como no fragmento seguinte

Después de esa matanza, dirigiéndose a los que se hallaban tendidos con las manos en la nuca, y a los que se encontraban de pie también – ordenándolos a estos últimos tirarse de barriga – , Santos dio la orden a los niños de doce y trece años, hacerse responsables de la ejecución. Con el revólver temblándoles en la mano hicieron los disparos (COLCHADO, 1997, p. 191-192)⁵.

quanto por parte dos militares das forças do estado, como se vê a seguir:

Pasado el mediodía, Rosa vio como los militares sacaban a las mujeres, entre ellas a Clara Tincopa y a Leonida Ricse. También a Anita Chapilliquén, que estaba embarazada, y a Rosalía Janampa, una niña de doce años. Arrastrando las llevaron hasta unos matorrales, y allí las violaron. Ella, llorando, oía sus gritos en el viento que subía del río (COLCHADO, 1997, p. 174)⁶.

e também de camponeses, civis não pertencentes a nenhum dos dois grupos em combate, como em

-Yo, Mañuco Julca, de Ucchuracay, más conocido como iquichano, no me arrepiento de haber matado terrucos como cancha, a hachazos y machetazos, cuando estos, después de haber llegado a la hacienda San Antonio y haber victimado a golpes a los patrones, nos obligaban a los campesinos a formar todos los días para hacer ejercicios [...] [...] le colgaron al pecho varias cargas de dinamita y le hicieron volar. Por eso, esa misma noche, llamándonos con aullidos de perro, enrabiaados, nos reunimos los comuneros y acordamos vengar la muerte de nuestro compañero. Toditos rodeamos la casa-hacienda donde descansaban los senderos y les dimos muerte (COLCHADO, 1997, p. 137)⁷.

Em *Rosa Cuchillo* o conflito interno é atualizado, permitindo a rememoração, por meio da ficção, das origens do trauma, apontando para uma elaboração simbólica do mesmo e talvez para uma possível superação; ou no mínimo “coloca o dedo na ferida” de eventos traumáticos de um passado recente que o país não deveria apagar da memória, mas tentar entender, evitando repetir no futuro antigos erros do passado.

Segundo Márcio Seligmann-Silva, “pode-se falar em uma ética da representação do passado que implica a nossa dívida para com ele e para com os mortos. Mas é evidente que não existe uma tradução total do passado” (2003, p. 64). Nesse sentido, a literatura estaria de alguma forma cumprindo esse papel ético ao tentar, ao lado do discurso da História, mas utilizando-se de seus meios próprios, representar o passado, traduzi-lo ainda que parcialmente.

O crítico brasileiro aponta também que “[...] o trabalho da história e da memória deve levar em conta tanto a necessidade de se “trabalhar” o passado, pois as nossas identidades dependem disso, como também o confronto com esse passado é difícil”(SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 77); e ressalta que “cabe ao historiador – assim como individualmente a cada um de nós – não negar ou denegar os fatos do passado, mesmo os mais catastróficos” (2003, p. 77).

Seligmann-Silva faz essas considerações no contexto de uma reflexão sobre a *Shoah*, a violência inominável perpetrada contra os judeus durante o período nazista na Europa, que por se tratar de um evento histórico paradigmático da violência extrema a que a humanidade se permitiu, talvez seja o maior exemplo de barbárie em meio à era moderna vivida em pleno séc. XX; entendemos que tais reflexões podem ser aplicadas a outros eventos violentos ocorridos na “era das catástrofes”, como o próprio Seligmann-Silva se refere ao séc. XX, como é o caso da guerra interna à qual a obra *Rosa Cuchillo* nos remete.

Ao lado desse trabalho da história, também caberia colocar o da literatura, quando a mesma se ocupa de “trabalhar” esse passado, como é o caso das obras de *testimonio*, testemunho, ou mesmo outras de caráter mais puramente ficcional, mas que também tomam para si a tarefa de realizar esse trabalho em relação ao passado.

A literatura de testemunho de sobreviventes de catástrofes trata da memória dos sobreviventes, pois obviamente, como aponta Valéria de Marco, referindo-se aos sobreviventes da *Shoah*, os que viveram na totalidade a violência não sobreviveram para relatar a experiência (MARCO, 2004). Na literatura colchadiana, em *Rosa Cuchillo*, mas também em “Cordillera Negra”, conto no qual são narrados fatos de uma rebelião ocorrida no Peru no séc. XIX, a chamada Rebelião de Atusparia, a memória que surge na narrativa é memória de mortos (tanto a personagem Rosa Cuchillo quanto Tomás Nolasco, o narrador de “Cordillera Negra”, narram desde o além-túmulo), como se quisesse ocupar esse espaço vazio ainda não ocupado pela narrativa do testemunho.

Javier Sicchar lembra que o crítico Gustavo Faveron, autor de uma antologia de contos sobre a violência política no Peru (*Toda la sangre*, 2006), afirmava em um artigo jornalístico sobre livros de guerra que o motivo principal dos contos reunidos em *Toda la sangre* foi principalmente o de “*entender lo sucedido, y la idea de que en nuestra literatura están acaso las reflexiones más interesantes que se han producido hasta ahora sobre esa violencia que nos ha marcado recientemente*” (SICCHAR, 2009).

Em uma entrevista concedida por Óscar Colchado ao escritor peruano Niko Velita Palacín, em 2009, publicada em um *blog* deste último sobre literatura e guerra (PALACÍN, 2009), Colchado fala sobre seu testemunho em relação à guerra interna:

N.V.P.: La guerra interna ha dejado profundas huellas en toda una generación. ¿Cuál es su testimonio con respecto a ella?

O.C.L.: La irrupción en la escena política del país de un grupo armado como S.L. de hecho que ha dejado marcas muy profundas en quienes siendo jóvenes aún fuimos testigos de su accionar tanto en el campo como en la ciudad. Los dos bandos, tanto el grupo armado insurgente como el Estado represor, actuaron de manera brutal y sangrienta, en la que los mayores perdedores resultaron siendo la gente más pobre y humilde. Particularmente, el desarrollo de esa guerra conmocionó tanto mi espíritu que no ha sido fácil librarse de ella, sino mediante el recurso de la escritura.

N.V.P.: Usted ha tomado algunos datos reales de los sucesos de la guerra interna: el ataque que hace Sendero a la cárcel de Huamanga para rescatar a sus combatientes, el entierro multitudinario de Edith Lagos, Mezich, el comandante Camión. ¿Pretende una novela que tenga elementos reales e históricos?

O.C.L.: Las novelas se escriben con partes de realidad y de sueños. Y si esta vez la carga real o histórica es abundante, pues en buena hora. No me desagradaría que se diga que mi novela es histórica⁸.

No final da resposta de Óscar Colchado à primeira pergunta na referida entrevista, o autor aponta para a função catártica de sua escrita, desenvolvida como único recurso para livrar-se da guerra que o havia marcado profundamente e seguia marcando. E para os leitores, em especial para aqueles que também sofreram as consequências do conflito, seria pertinente pensar que a leitura de obras como essas também poderia cumprir de alguma forma essa função de catarse? Se não, essas obras de todo modo revolvem acontecimentos de um passado difícil que, ao ser atualizado simbolicamente, por meio da arte, deixa de ser relegado ao esquecimento, e daí ao apagamento na memória coletiva.

Memory and violence in the novel *Rosa Cuchillo*, by Óscar Colchado

ABSTRACT:

Peru's recent history, marked by the violence of the inner war era, is the theme of literary texts like Óscar Colchado's *Rosa Cuchillo*. This text aims at discussing aspects of this work using as reference concepts applied to the studies of memory and violence in Latin-American literature.

Keywords: Memory. History. Violence. Peru. *Rosa Cuchillo*.

Notas explicativas

* Professor adjunto nas áreas de Literaturas Hispânicas e Tradução da Faculdade de Letras e da Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais, FALE, UFMG.

** Mestrando em Estudos Literários pela UFMG, sob a orientação do Prof. Dr. Rômulo Monte Alto.

¹ Óscar Colchado Lucio é poeta, contista e romancista peruano contemporâneo. Nasceu nos Andes peruanos em 1947, em Huallanca, Departamento de Ancash. Passou parte da sua infância e adolescência na cidade portuária de Chimbote, local no qual fundou o grupo literário *Isla Blanca* e a *Revista Alborada Creación y Análisis*, conhecida hoje como *Alborada Internacional*, revista editada atualmente por Colchado que, desde 1983, reside na cidade de Lima, onde é professor de língua e literatura. Recebeu diversos prêmios literários, entre os quais se destacam os seguintes: José María Arguedas de conto (1978); José María Eguren de poesia (1980); Premio Copé (1983); Premio Nacional de Literatura Infantil y Juvenil (1985); Premio Latinoamericano de Cuento (CICLA 87); Premio Nacional de Educación (1995); Premio Nacional de Novela Federico Villareal (1996). Recebeu em 2009, na 14ª Feria Internacional del libro de Lima, o Prêmio de Distinção Cultural do Ministério da Cultura do Peru, pela sua contribuição para a cultura peruana em geral.

² Embora Canclini tenha feito essas afirmações em 1989, data da primeira edição de *Culturas Híbridas*, as mesmas continuam válidas neste início do século XXI, confirmando sua pertinência a cada período eleitoral; veja-se a última campanha eleitoral presidencial no Peru, entre Ollanta Humala, candidato de esquerda e Keiko Fujimori, da direita. O discurso político modernizador é o que mais evidentemente aflora, de fato, até hoje, nas campanhas políticas em vários países do continente, Brasil incluído, e muito provavelmente na maioria deles, arriscaríamos afirmar.

³ “De cada quatro vítimas, três foram camponeses ou camponesas cuja língua materna era o quéchua. Trata-se, como os peruanos sabem, de um setor da população historicamente ignorado pelo Estado e pela sociedade urbana, aquela mesma que desfruta dos benefícios de nossa comunidade política. A CVR não encontrou bases para afirmar, como algumas vezes foi feito anteriormente, que este foi um conflito étnico. No entanto, tem fundamento para asseverar que estas duas

décadas de destruição e morte não teriam sido possíveis sem o profundo desprezo pelas populações mais despossuídas do país, evidenciado por membros do Partido Comunista del Perú – Sendero Luminoso e agentes do estado por igual, esse desprezo que se encontra entrelaçado em cada momento da vida cotidiana dos peruanos” (Tradução nossa).

⁴ “Estivemos em guerra. Jovens da serra mataram e violaram mulheres da costa, jovens da costa mataram e violaram mulheres da serra, temos que buscar a justiça, realizar os julgamentos, mas ao mesmo tempo um vizinho apontou o outro para que o exército o matasse, e outro vizinho ao outro para que o “Sendero” fizesse o mesmo. Então são muitos perdões, são muitas reparações, este é o momento que estamos vivendo. Nós estamos vivendo um momento em que precisamos tanto de reparações judiciais quanto simbólicas.

Com este trabalho tão simples descobri uma ponte, uma possibilidade que a arte, que em meu país depois de 20 anos de guerra possa colaborar em um espaço de cura. Eu, que partia de curar-me a mim mesma por uma perda, pelo sofrimento de meu povo, encontrei respostas nos ritos ancestrais. Isso é o que nós mulheres do Yuyachkani estamos fazendo, experimentando e colaborando com a arte em um momento muito importante de cura de nosso país” (Tradução nossa).

⁵ “Depois dessa matança, dirigindo-se aos que se encontravam deitados com as mãos na nuca, e também aos que estavam de pé – ordenando a esses últimos que se deitassem de bruços -, Santos deu a ordem aos meninos de doze e treze anos para serem os responsáveis pela execução. Com os revólveres tremendo em suas mãos, fizeram os disparos” (Tradução nossa).

⁶ “Passado o meio-dia, Rosa viu como os militares tiravam as mulheres, entre elas Clara Tincopa e Leonida Ricse. Também Anita Chipilliquén, que estava grávida, e Rosalía Janampa, uma menina de doze anos. Foram arrastadas até um matagal e ali violadas. Ela, chorando, ouvia seus gritos no vento que subia do rio” (Tradução nossa).

⁷ “Eu, Mañuco Julca, de Ucchuracay, mais conhecido como iquichano, não me arrependo de ter matado terrucos aos montes, a machadadas e porretadas, quando eles, depois de terem chegado na fazenda San Antonio e ter matado a golpes os patrões, obrigava a nós, camponeses, fazer fila todos os dias para fazer exercícios.[...] penduraram no peito dele várias bananas de dinamite e ele foi pros ares. Por isso, nessa mesma noite, chamando os companheiros com uivos de cachorro, cheios de raiva, a gente reuniu os vizinhos e combinamos vingar a morte do nosso companheiro. Nós todos rodeamos a sede da fazenda, onde os senderistas estavam descansando e demos morte a eles” (Tradução nossa).

⁸ “N.V.P.: A guerra interna deixou profundas marcas em toda uma geração. Qual é o testemunho do senhor em relação a ela? O.C.L.: A irrupção na cena política do país de um grupo armado como o Sendero Luminoso de fato deixou marcas muito profundas em nós que sendo jovens ainda, fomos testemunhas de suas ações tanto no campo quanto na cidade. Os dois lados, tanto o grupo armado quanto o Estado repressor atuaram de maneira brutal e sangrenta, na qual os maiores perdedores terminaram sendo as pessoas mais pobres e humildes. Particularmente, o desenvolvimento dessa guerra comoveu tanto o meu espírito que não foi fácil livrar-se dela, a não ser mediante o recurso da escrita. N.V.P.: O senhor tomou alguns acontecimentos reais da guerra interna: o ataque que o Sendero fez ao cárcere de Huamanga para resgatar seus combatentes, o enterro multitudinário de Edith Lagos, Mezich, o comandante Camión. Pretende que um romance tenha elementos reais ou históricos? O.C.L.: Os romances são escritos com partes de realidade e de sonhos. E se desta vez a carga real ou histórica é abundante, foi em boa hora. Não me desagradaria que se diga que meu romance é histórico” (Tradução nossa).

Referências

CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas*. Estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Rezza Cintrão. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 1997. 385p.

COLCHADO LUCIO, Óscar. *Cordillera Negra*. 1. ed. Lima: San Marcos, 2007. 269p.

_____. *Rosa Cuchillo*. 1. ed. Lima: Alfaguara, 2009. 288p.

CORREA, Ana. *Sanaciones y reparaciones simbólicas: “Rosa Cuchillo”*. Disponível em: <<http://www.calstatela.edu/misc/karpa//Karpa2.1/Site%20Folder/Resources/rosacuchilloanacorrea.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2011.

HATUN WILLAKUY – Versión abreviada del informe final de la Comisión de la Verdad y Reconciliación – Perú. Disponível em: <http://biblioteca.hegoa.ehu.es/system/ebooks/17123/original/Hatun_Willakuy.pdf>. Acesso em: 15 de abr. 2011.

MARCO, Valéria de. A literatura de testemunho e a violência de Estado. In: *Lua Nova* [online], n.64, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-64452004000200004&script=sci_arttext#nt01>. Acesso em: 10 abr. 2011.

ESCAJADILLO, Tomás. *La narrativa indigenista peruana*. 1. ed. Lima: Amaru Editores, 1994. 333 p.

RAMA, Ángel. *Transculturación narrativa en América Latina*. 4. ed. México: Siglo Veintiuno Editores, 2004. 305 p.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.) *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. 1. ed. Campinas/SP: Ed. da Unicamp, 2003. 525 p.

SICCHAR, Javier L. Violencia política en la literatura peruana. Disponível em: <<http://www.tintadigital.org/2009/02/16/violencia-politica-en-la-literatura-peruana/>>. Acesso em: 16 abr. 2011.

VELITA PALACÍN, Niko. Entrevista a Óscar Colchado Lucio. Disponível em: <<http://literaturayguerra.blogspot.com/2009/12/entrevista-oscar-colchado.html>>. Acesso em: 30 abr. 2011.

Recebido em: 31 de outubro de 2011

Aprovado em: 14 de dezembro de 2011